

## Comunicação científica na América Latina<sup>1</sup>

Maria Ataíde Malcher<sup>2</sup>  
Felipe Jailson Souza Oliveira Florêncio<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar reflexões sobre a comunicação científica na América Latina. Nosso foco são os periódicos científicos e as bases de dados. Discutimos a inserção de periódicos latinos em bases internacionais e o papel das bases latinas de acesso aberto nesse contexto. Com isso, almejamos fomentar a discussão a respeito de qual comunicação científica estamos construindo para as nossas realidades latinas.

**Palavras-chave:** comunicação científica; periódicos; bases de dados; América Latina.

### Introdução

De acordo com os autores Jorge Enrique Delgado e John C. Weidman (2012), o Brasil é destaque na América Latina pela estrutura que possui a nível federal e estadual para apoio à produção em Ciência, Tecnologia e Inovação. À época do trabalho referenciado, os autores destacaram, nesta estrutura, alguns órgãos relevantes (alguns dos quais, atualmente, não possuem a mesma constituição).

São eles o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, o Ministério da Ciência e Tecnologia<sup>4</sup>, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Como sabemos, as instituições de ciência no Brasil são as principais fomentadoras para constituições, capilarizações e consolidações das ciências. São elas as responsáveis por várias atividades de legitimação científica. Entre elas, a comunicação científica.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora da Universidade Federal do Pará – UFPA. Pesquisadora Líder do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação – Pespcom e coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância – AEDi-UFPA, e-mail: ataidemalcher@uol.com.br.

<sup>3</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará – PPGCOM-UFPA. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação – Pespcom e colaborador do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância – AEDi-UFPA, e-mail: fjailsonn@gmail.com.

<sup>4</sup> Atualmente Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTI.

E o que entendemos por esse conceito? Vimos em Wilson Costa Bueno (2010) que se trata do compartilhamento de informações científicas entre especialistas no assunto, ou seja, entre pares, de cientista para cientista. Considerando esse especialista como aquele que já possui formação específica na área ou está familiarizado com as temáticas científicas.

Para Bueno (2010), a comunicação científica não precisa fazer “concessões” em matéria de linguagem para que as informações sejam compartilhadas, pois acredita que o público ao qual ela se destina já teria as chaves de leitura das mesmas. O que se difere da noção de “divulgação científica”, na qual as informações sobre ciência necessitariam ser “decodificadas” a um público leigo. Para o autor, o público da comunicação científica frequenta os mesmos espaços, acessa os mesmos ambientes especializados (congressos ou periódicos científicos) e estaria sempre buscando a assimilação de novos conhecimentos, recorrendo a diversos recursos para isso.

A comunicação científica visa, basicamente, à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos (resultados de pesquisas, relatos de experiências, etc.) em áreas específicas ou à elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes. (...) A comunicação científica mobiliza o debate entre especialistas como parte do processo natural de produção e legitimação do conhecimento científico (BUENO, 2010, p.5).

O autor parte, assim, do pressuposto de que a comunicação científica, por sua natureza, já estaria em círculos mais restritos, não reunindo, por exemplo, a mesma audiência de um meio de comunicação massivo. Nesse sentido, podemos incluir congressos, ambientes de cooperações, projetos, relatórios e também os periódicos científicos, que são o foco do nosso presente trabalho.

Em relação aos periódicos científicos brasileiros, no ano passado<sup>5</sup>, o CNPq lançou a Chamada MCTI/CNPq Nº 24/2015, registrada no dia 30 de setembro de 2015, com o objetivo de selecionar propostas de editoração e publicação de periódicos especializados, de todas as áreas de conhecimento, para fornecer apoio financeiro e contribuir, dessa forma, para o desenvolvimento científico e tecnológico e de inovação no País.

No item II.2 do Regulamento, “Critérios de elegibilidade”, a chamada discorre a respeito dos critérios que a proposta deve seguir para que seja contemplada com o edital. Sobre o periódico (item II.2.2.1), o mesmo deve: ser mantido por instituição sem fins lucrativos; ter periodicidade de pelo menos duas edições por ano; ter circulado

---

<sup>5</sup> Apesar de estarmos trazendo como exemplo um edital específico do CNPq, destacamos que esta se trata de uma chamada regular que, pelo menos até 2015, ocorria anualmente, com o lançamento de editais.

normalmente nos dois anos anteriores à chamada; *estar obrigatoriamente indexado em duas bases de dados*, critério no qual a chamada estabelece sua lista com algumas das bases de dados científicas internacionais consolidadas no mundo: ISI (Thomson Co.<sup>6</sup>), Scopus (da Elsevier<sup>7</sup>), PubMed (US National Library of Medicine<sup>8</sup>) ou *Scientific Electronic Library Online* (SciELO<sup>9</sup>).

Além desses itens, a chamada também elenca que o periódico em questão deve estar classificado no mínimo com B2 no Qualis da área, possuir abrangência nacional e internacional levando em consideração os autores que publicam na revista e mais os membros do Corpo Editorial; adotar política de avaliação por pares e ter mais de 80% dos artigos publicados oriundos de pesquisas originais e não divulgados em outras revistas. O periódico deve atender a essas características até a data limite de submissão de propostas.

Como podemos ver, a Chamada, assim como a maioria das ações relacionadas a publicações científicas em nosso sistema de produção do conhecimento, privilegia a indexação em bases internacionais (americanas ou europeias), de acesso restrito, em detrimento de outras bases, de lógicas diferentes, como as de acesso aberto. Nessa última perspectiva, apenas o SciELO poderia se encaixar.

Em nosso artigo, almejamos iniciar uma reflexão e, mais do que respostas, propor questionamentos a respeito de qual comunicação científica gostaríamos de ter em nossa realidade, pois a ciência institucionalizada de países periféricos como os da América Latina pode ter (e tem) outros caminhos, que não o de unicamente se adequar às bases internacionais, que em sua maioria, não atuam como repositórios de acesso aberto, mas como indexadores cujo principal objetivo é dar visibilidade estratégica a periódicos de qualidade, o que tem um custo para os pesquisadores e público em geral. Para isso, tentaremos discutir quais movimentos estão presentes nas bases internacionais, de que forma a América Latina se encontra nesse meio e quais poderiam ser as nossas alternativas.

### **Passeio pelo periodismo científico e pelas bases de dados**

Hélio Kuramoto (2006) indica que os periódicos científicos, considerados base para o sistema de comunicação científica, nasceram no século XVII. O desenvolvimento dessas publicações ao longo do tempo, juntamente com a ciência moderna, acompanha o

<sup>6</sup> Acesso em <https://webofknowledge.com/>.

<sup>7</sup> Acesso em <https://www.scopus.com/>.

<sup>8</sup> Acesso em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.scielo.org/>.

desenvolvimento tecnológico e científico de um país ao colaborarem na circulação das informações científicas que o mesmo produz.

De acordo com Maria Helena Freitas (2006), antes de surgirem os periódicos científicos, as informações sobre ciência circulavam em folhetins, jornais cotidianos, entre outros. O conhecimento mais especializado era comunicado por correspondências entre cientistas e agremiações científicas. Essas correspondências seriam as bases para o que posteriormente, de acordo com as reconfigurações do tempo, se tornariam as primeiras publicações científicas, que surgiram com o objetivo de ampliar, até mesmo para além dos cientistas, o público das informações sobre ciência. Segundo a autora, além de ser uma fonte sobre a história da ciência, os periódicos científicos são considerados um espaço institucional da ciência, por se inserirem no âmbito das realizações e comunicação das atividades científicas, ou seja, têm papel fundamental no campo científico.

Já Suzana Mueller (1999) divide em quatro as funções geralmente atribuídas a um periódico científico. São elas: estabelecimento de uma ciência “certificada” pela própria comunidade científica; canal de comunicação entre cientistas e também de divulgação mais ampla da ciência; arquivo ou memória científica; e registro da autoria de descobertas científicas. Segundo a pesquisadora, por mais que os meios de comunicação tenham vetorizado transformações nos fluxos que envolvem esses periódicos, as suas funções básicas não se invalidariam.

Mueller (1999) também aponta que existe um grupo significativo de estudos que enfocam a avaliação dos periódicos, ou seja, sua representatividade na ciência e os elementos envolvidos, como autores, artigos, citações, entre outros. Nessa perspectiva, periódicos e os artigos neles publicados são vistos como indicadores do desenvolvimento científico de um país ou de determinada área do conhecimento. Dependendo do periódico em que o artigo é publicado, aumenta a sua visibilidade e possibilidades de ser citado em outras pesquisas, aumentando o reconhecimento de seus autores.

Para que seja lido e citado, um artigo precisa ser encontrado (MUELLER, 1999). Para buscá-lo, índices, resumos ou bases de dados<sup>10</sup> especializadas são os instrumentos mais utilizados. Entretanto, a autora destaca que somente os periódicos mais prestigiosos são incluídos nesses ambientes, como acontece nas bases internacionais. Ou seja, um periódico só tem maior visibilidade se estiver em uma base de dados, mas as bases possuem

---

<sup>10</sup> Consideramos neste artigo, bases de dados como espaços virtuais onde se é possível encontrar reunidos periódicos e artigos científicos, respaldados por criteriosos processos de seleção. Disponível em: <<https://bibliotecaucaus.wordpress.com/2011/10/27/voce-sabe-o-que-sao-as-bases-de-dados-cientificas/>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

critérios rigorosos para que o periódico seja incluído nos seus acervos, o que pode causar a exclusão de grande número de revistas.

Entre os periódicos mais prestigiados estão aqueles indexados pelo que hoje se conhece como Web of Science, uma base de dados pertencente à Thomson Reuters (derivada da união entre a *Thomson's Corporation* e o *Reuters Group*) e que reúne as chamadas bases do *Institute for Scientific Information* (ISI), firma comercial sediada na Filadélfia, Estados Unidos, como a *Science Citation Index* (SCI) e a *Social Science Citation Index* (SSCI), vistas como as principais fontes para mensurar a quantidade de citações.

Segundo Kuramoto (2006), na década de 1960, o americano Eugene Garfield teve a ideia de analisar as citações presentes em artigos de revistas e construiu assim, uma base bibliográfica, a SCI. Esse instrumento fornece as informações sobre qual a frequência com que determinado artigo é citado, o que gerou a noção de *fator de impacto*, que é obtido por meio da divisão entre o número total de citações acumulado nos últimos dois anos, pelo total acumulado de artigos publicados pela revista no mesmo período.

As revistas indexadas em alguma das bases da ISI (hoje mais conhecidas como Web of Science)<sup>11</sup>, conseqüentemente, são as de maior fator de impacto, pois os artigos nela indexados possuem maior visibilidade e, portanto, obtêm maior quantidade de citações em outros trabalhos em relação aos que não estão indexados, conseguindo assim, se qualificarem melhor (KURAMOTO, 2006). Ainda segundo o autor, a tendência é que os pesquisadores tenham como prioridade publicar em periódicos indexados pela Web of Science, pois é uma das bases mais bem avaliadas por agências de fomento ao qualificar índices de produção científica. Periódicos nela indexados têm preferência de aquisição em bibliotecas e instituições de ensino, por exemplo.

Maria Helena Palucci Marziale e Isabel Amélia Costa Mendes (2002) destacam que somente os periódicos indexados na Web of Science seriam considerados internacionalmente para o cálculo do fator de impacto. E para que um periódico entre nas bases da Web of Science é necessário passar por uma criteriosa avaliação, que contempla o cumprimento de normas internacionais de publicação.

Para que um periódico seja contemplado a ingressar nesta base de dados ele deve reunir requisitos como pontualidade de publicação e cumprimento das normas internacionais de editoração (título informativo, correção das referências citadas, informações completas dos autores, pelo menos conter título, resumo e descritores em inglês e processo de revisão dos artigos a serem publicados por pares - *peer*

---

<sup>11</sup> Optamos pela nomenclatura Web of Science por ser a mais atual, apesar de muitos dos autores que referenciamos ainda terem utilizado a nomenclatura ISI.

*review*). O critério de seleção adotado é rigoroso uma vez que o ISI tem o compromisso de oferecer cobertura completa dos periódicos mais importantes e influentes do mundo para atualização de informações e entende que a cobertura completa deve ser feita não pela quantidade e sim pela qualidade. A referida base de dados é seletiva e considera que a maior parte dos trabalhos científicos mais importantes é publicada em relativamente poucos periódicos. (MARZIALE e MENDES, 2002).

Conforme discutem as autoras, esse sistema que envolve dados de referências e estatísticas sobre o uso de citações, incluindo o cálculo de fator de impacto, começaram a ser calculados na América Latina e no Caribe, além de utilizados para avaliar a produção científica local, pelo SciELO, no final da década de 1990. Para que um periódico seja indexado nessa base, ele também passa por processo seletivo que inclui cumprir requisitos das normas internacionais de editoração e indexação (MARZIALE e MENDES, 2002), como mencionamos.

Mueller (1999) nos mostra que uma base internacional como a Web of Science garante que os artigos de revistas nela indexadas tenham maior visibilidade e, portanto, sejam mais lidos e mais citados, enquanto que periódicos excluídos desse ambiente terão mais dificuldade para isso, portanto, tendo ainda mais dificuldade de serem nela incluídos. Segundo a autora, muitos periódicos de qualidade que não se encontram nessa base não recebem o reconhecimento e nem o fator de impacto que mereceriam.

Os periódicos integrantes do núcleo da elite refletem a ciência produzida nos grandes centros produtores de conhecimento científico e seus artigos são geralmente escritos em inglês, a língua científica atual. Os periódicos produzidos nos países que estão na periferia da produção científica, por outro lado, não conseguem a penetração que garantiria a sua visibilidade internacional. Contudo, esses periódicos desempenham função importante em seus países, e a qualidade de seus artigos não é necessariamente inferior. Como apontou Gibbs (1995), a quase invisibilidade das nações menos desenvolvidas no cenário científico internacional talvez reflita mais aspectos econômicos e vieses de interesses das editoras científicas do que propriamente a qualidade real da pesquisa nesses países. (MUELLER, 1999, p.76).

Como vimos acima, o que é reforçado pelo trabalho de Sandra Miguel (2011), revistas científicas são um dos principais canais de comunicação de resultados de pesquisas e contribuem para a institucionalização social das áreas de conhecimento, mas a autora destaca que nem todas as revistas possuem o mesmo prestígio e grau de influência, pois isso depende de sua qualidade e visibilidade.

Enquanto a qualidade das revistas é mensurada em parte pelo cumprimento a diversos critérios editoriais, a visibilidade é estimada tanto pelo alcance de difusão dessas

revistas quanto pela recepção pela comunidade científica dos artigos nelas publicados, o que pode ser quantificado pelo número de citações dos mesmos. Miguel (2011) continua, afirmando que quanto mais visibilidade uma revista possui, mais interesse desperta, aumentando não só a quantidade de trabalhos a ela submetidos como também a qualidade.

### **O caso da América Latina**

Delgado e Weidman (2012) consideram que continentes como a América do Sul e a África possuem grandes dificuldades na luta por reconhecimento científico, o que certamente não significa que nesses locais não haja produção de ciência. Focalizando no caso da América Latina e do Caribe, Delgado e Weidman (2012) discutem que nas últimas duas décadas houve um crescimento expressivo de quantidade e qualidade dos periódicos latinos, mas pesquisadores e estudiosos da região enfrentam diversos obstáculos para ter suas pesquisas publicadas em periódicos internacionais de prestígio, entre eles, a não utilização da língua inglesa. Segundo eles, a contribuição latina em um âmbito global de reconhecimento tem sido modesta.

Para Miguel (2011), os problemas de qualidade e visibilidade dessas revistas da América Latina e do Caribe tem sido há décadas motivo de preocupação entre todos que participam regularmente de atividades de pesquisa nessas regiões. A autora aponta o que desempenha um papel central nesse processo de qualificação e visibilidade dos periódicos: as bases de dados e demais repositórios científicos. É importante que uma revista esteja indexada em bases de dados, pois garante a visibilidade dos conhecimentos gerados, o que impacta na qualidade dos periódicos, um dos principais aspectos que pesquisadores levam em conta ao publicar seus trabalhos. Para Miguel (2011), a questão da qualidade é um dos principais pontos que dificultou (e em alguns casos continua dificultando) a entrada de periódicos latinos em bases internacionais.

Dessa forma, ela indica que muitos autores mostraram a escassa presença de revistas latino-americanas nas bases de dados presentes na Web of Science, da Thomson Reuters: *Science Citation Index (SCI)*, *Social Science Citation Index (SSCI)* e a *Arts and Humanities Citation Index (A&HCI)*, as bases do ISI. Situação essa que não é exclusiva das bases da Web of Science, pois a presença de revistas latinas tem sido pequena também em outras bases internacionais como Biosis, CAB, Compendex, Inspect, Medline, Pascal, Sociological Abstracts, entre outras (MIGUEL, 2011).



Entretanto, apesar de modesta em comparação a outros grandes centros, essa presença latina nas bases tem demonstrado crescimento, tanto na Web of Science como também em outras bases internacionais, como a europeia Scopus, da Elsevier, criada em 2004, de alcance mundial. Cresce também em bases regionais que tem surgido como novas oportunidades para os periódicos da América Latina e do Caribe. Uma delas, a nível ibero-americano, é a Latindex, que compila informações de todas as revistas da região nas diversas áreas do conhecimento. Temos também o SciELO, que funciona como uma biblioteca eletrônica de acesso aberto aos artigos dos periódicos nela indexados, originada no final da década de 1990, resultante de projeto conjunto entre a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), e também a Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc), projeto mais recente, liderado pela Universidad Autónoma del Estado de México (UAEM), que oferece acesso gratuito a revistas de países da América Latina e Caribe, além de Portugal e Espanha.

É importante destacar que há diferenças nos objetivos dessas bases. Enquanto a Scopus tem como objetivo oferecer um serviço de indexação às revistas de qualidade e garantir a visibilidade delas a nível mundial, o SciELO e a Redalyc são repositórios de revistas, que objetivam reunir e permitir o acesso aos artigos publicados nela, neste caso, de maneira gratuita (MIGUEL, 2011).

Delgado e Weidman (2012) fornecem dados que demonstram esse crescimento da presença da América Latina e do Caribe nas bases de dados internacionais. O crescimento de publicações da região na Scopus, por exemplo, foi de 287% entre 1996 e 2010, ou seja, 2,2 vezes maior do que o crescimento total de publicações do mundo na base. Em 2010, 85,6% desse crescimento latino foi por conta de quatro países: Brasil, México, Argentina e Chile, sendo que o Brasil respondeu por 51,3% desse percentual. Já o crescimento da América Latina e do Caribe no SCI foi de 491,4% entre 1990 e 2010, sendo que 282,7% desse crescimento ocorreu entre 1995 e 2010, ou seja, quase o mesmo período no qual a Scopus teve o mesmo crescimento, ou seja, houve um crescimento vertiginoso no começo dos anos 1990, que se estabilizou a partir de 1995. Em comparação ao crescimento total de publicações nessa base, o crescimento da região foi 2,5 vezes maior. Da mesma forma que na Scopus, no SCI os países latinos que dominam são o Brasil, Argentina, México e Chile.

Comparando o crescimento de documentos citáveis na Scopus (1996-2010) e na SCI (1995-2010), vemos que os índices são similares, considerando que, a primeira inclui



publicações em periódicos de todas as disciplinas, enquanto que a segunda não inclui trabalhos provenientes das ciências sociais e humanidades. Sobre isso, os autores indicam que a maioria das produções da América Latina e do Caribe em ciências sociais e humanidades são publicadas em periódicos locais e nas línguas locais, espanhol e português (DELGADO e WEIDMAN, 2012).

A Redalyc, por sua vez, tem as ciências sociais e humanidades como principal foco de atuação. Essa base foi criada justamente como resposta à falta de acesso dos cientistas sociais à literatura confiável da área em língua espanhola. A Latindex também é uma base de escopo mais amplo, sendo considerada o diretório e catálogo de periódicos científicos mais aberto, incluindo um dos mais representativos bancos de dados e repositório da região latina. Ambas as iniciativas foram desenvolvidas no México, o país que é um dos mais presentes na Redalyc (DELGADO e WEIDMAN, 2012).

É importante destacar o que os autores indicam: que as bases internacionais têm sido criticadas por serem exclusivistas tanto em linguagem quanto geograficamente. Elas não necessariamente representam o universo total de publicações ao redor do mundo e são, de certa forma, endógenas, o que é criticado por periódicos de países em desenvolvimento.

Outro ponto importante é a diferença de oportunidades para as ciências sociais e humanidades entre as bases de dados internacionais e as bases latinas. Miguel (2011) dá por exemplo a Scopus, onde a maior quantidade de periódicos latinos, à época do trabalho, era das ciências médicas (38%), enquanto que o SciELO possuía a mesma porcentagem de artes e humanidades e ciências médicas (30% pra cada) e a Redalyc com clara prevalência para as ciências sociais, com 64% do acervo.

Outra situação interessante de se destacar é que Miguel (2011) aponta a Scopus, em comparação ao SciELO e à Redalyc, como a mais representativa da produção latina, isso porque o número de artigos científicos latinos publicados em periódicos estrangeiros indexados na Scopus era maior do que os publicados em periódicos latinos indexados no SciELO e Redalyc. Levando em consideração a prevalência de áreas como ciências médicas na primeira, é possível interpretar que as ciências sociais e humanidades ainda teriam pouca entrada em bases internacionais, o que dificulta ainda mais que, por exemplo, periódicos dessas áreas sejam contemplados por editais como o da Chamada MCTI/CNPq Nº 24/2015.

## Contexto aberto

Para Kuramoto (2006), é diante de um cenário de desigualdades planetárias, no qual o conhecimento científico pode ter uma atuação decisiva para o desenvolvimento de diversas realidades, que surge o movimento em favor do acesso livre à informação, que ganha adeptos por todo o mundo. No Brasil, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) é um desses apoiadores. Trata-se de um movimento que ocorre não apenas na base do discurso, mas utilizando o suporte das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como é o caso do desenvolvimento do modelo *Open Archives* (OA), que estabelece um conjunto de padrões para a interoperabilidade entre repositórios digitais.

Com o estabelecimento do modelo Open Archives e o desenvolvimento de diversas ferramentas de software para a construção de repositórios digitais e publicações periódicas eletrônicas em conformidade com esse modelo, o movimento ganha consistência. Diversas declarações em favor desse movimento foram e estão sendo publicadas, intensificando-se a implantação de publicações periódicas eletrônicas e repositórios institucionais e temáticos de acesso livre. O movimento se baseia no princípio de que todos os resultados de pesquisas financiadas com recursos públicos devem ser de livre acesso. (KURAMOTO, 2006, p.96).

Bueno (2010) destaca que elementos ligados ao uso de novas tecnologias têm favorecido o acesso amplo às informações na comunicação científica, possibilitando, por exemplo, a criação de espaços virtuais para a disponibilização integral do conteúdo de periódicos científicos, como é o caso do SciELO, base citada pelo autor. Para ele, a comunicação científica está passando por significativas mudanças com a presença da internet, o que reflete em movimentos como o pelo acesso aberto.

Em meio a esse contexto, bases como a Web of Science e Scopus praticam a cobrança ao acesso e promovem a assinatura dos periódicos científicos. Não podemos perder de vista o que destaca Miguel (2011): que enquanto o SciELO e a Redalyc priorizam a acessibilidade de sua produção científica regional, bases como a Scopus garantem a visibilidade internacional dessa produção.

Delgado e Weidman (2012) refletem a respeito do real papel do conhecimento. Os autores se perguntam sobre o que de fato está acontecendo com o que é publicado. A competição para publicar em jornais indexados está criando um mercado voltado para tipos particulares de publicações acadêmicas? Alguém está utilizando o conhecimento produzido para algo além de acumular estatísticas? Como a população está se beneficiando do crescimento exponencial de publicações?

Kuramoto (2006) tece uma crítica, destacando que as pesquisas científicas, em sua maioria, são financiadas pelo Estado, ou seja, com recursos públicos. O fato de um pesquisador ter que pagar para ter acesso a elas é visto pelo autor como uma situação paradoxal, pois para ele, do ponto de vista ético, essas publicações deveriam ser gratuitas, já que o Estado deveria promover acesso ao que produz. É o caso do que ocorre nos países emergentes da América Latina, onde o financiamento da pesquisa científica depende basicamente dos recursos públicos (AGUADO-LÓPEZ et al., 2012).

### **Reflexões comunicacionais**

O trabalho dos autores (AGUADO-LÓPEZ, 2012) traz algumas reflexões sobre como uma comunidade científica é um grupo organizado por um sistema de comunicação: pessoas unidas mais por práticas comuns do que por questões como nacionalidade, proximidade ou ligação institucional. A capacidade de desenvolvimento de uma comunidade científica está diretamente ligada à sua garantia da capacidade de se comunicar, e é por isso que as informações científicas circulam por meio de práticas comuns, como é o caso da indexação de publicações em bases.

Entretanto, historicamente existe uma prevalência dos países de primeiro mundo e das chamadas “ciências duras” na produção e manutenção de bases e critérios para a avaliação da produção científica. Mas para onde vai a produção que não é reconhecida pela ciência “*mainstream*” e segue prioritariamente critérios locais de consistência?

Como tratamos anteriormente, cientistas da América Latina enfrentam obstáculos que têm atrasado a consolidação das políticas científicas e de comunicação entre as ciências. Entre eles, o fato de que uma região como a nossa possui realidades específicas e, em alguns casos, não está habituada a produzir exatamente de acordo com alguns processos e condições normatizadas, usando algumas plataformas tecnológicas específicas. Existe a necessidade de adaptação tecnológica, de normatização, de periodicidade e melhoria em processos editoriais científicos, pois essas condições nem sempre estão presentes. Outra questão complexa são as restrições oriundas da utilização das línguas espanholas e portuguesas na produção dos artigos. Razões para a produção editorial científica latino-americana enfrentar grandes desafios.

Hoje, na América Latina, já temos projetos que desenvolveram suas próprias plataformas, cujo objetivo não é apenas a visibilidade da produção científica da região, mas também de contribuir para a geração de índices bibliométricos: como é o caso do SciELO e

da Redalyc, assim como a Livraria Virtual do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Todas são produzidas sobre o princípio do acesso aberto, o que contribui para a diminuição de desigualdades e para a democratização do conhecimento (AGUADO-LÓPEZ et al, 2012). Entretanto, tratam-se de bases ainda não totalmente valorizadas pelos nossos órgãos de fomento.

### **Considerações**

Já trabalhamos anteriormente (MALCHER et al., 2012) destacando as peculiaridades do processo de comunicação científica, sabendo que o êxito desse tipo de comunicação não está somente na construção de repositórios e disponibilização de informação, pois isso pode não gerar movimentações sociais, até porque informação não necessariamente é comunicação.

Mas sabemos também que a comunicação depende de vários condicionantes. E qual são as condições para o estabelecimento da comunicação científica que estamos construindo e valorizando? Quando editais de fomento a publicações científicas privilegiam bases internacionais de acesso fechado, isso significa um passo a mais nas dificuldades de grande parte dos periódicos latino-americanos, em especial os ligados às ciências sociais e humanidades. Em um contexto que cada vez mais luta pelo acesso livre, a valorização do acesso fechado, mesmo que compreensível em um sistema competitivo e globalizante, certamente nos leva a pensar sobre qual tipo de comunicação científica gostaríamos de construir.

Como explicitamos, ainda não temos a resposta final para todos esses questionamentos, mas acreditamos ser importante trazer para discussão o que deveria estar em pauta nos principais âmbitos de produção em ciência e tecnologia em nossas regiões latinas. É como nos lembra Jesús Martín-Barbero: “ya que si es al caminar que se hace camino es al preguntar que se pone a la gente a pensar” (MARTÍN-BARBERO, 2015).

### **REFERÊNCIAS**

AGUADO-LÓPEZ, Eduardo; GARDUNO-OROPEZA, Gustavo Adolfo; ROGEL-SALAZAR, Rosario; ZUÑIGA-ROCA, Maria Fernanda. The need and viability of a mediation index in Latin American scientific production and publication. The case of the Redalyc System of Scientific Information. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, vol. 64, n.1, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Chamada MCTI/CNPq Nº 24/2015 - Apoio a Editoração e Publicação de Periódicos Científicos. Disponível em: <http://goo.gl/51Ztyp>. Acesso em: 10 jul. 2016.

DELGADO, Jorge Enrique; WEIDMAN, John C. Latin American and Caribbean Countries in the Global Quest for World Class Academic Recognition: An Analysis of Publication in Scopus and the Science Citation Index between 1990 and 2010. **Excellence in Higher Education**, vol. 3, n. 2, 2012.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciências da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006.

MALCHER, Maria Ataíde; MIRANDA, Fernanda Chocron; ELIASQUEVICI, Marianne Kogut; CORRÊA NETO, Silvério Sirotheau. UFPA Multimídia: uma experiência de uso das TICs para o fortalecimento do ensino de graduação na Amazônia. **Diálogos de la Comunicación**, ed. 85, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. ¿Desde dónde pensamos la comunicación hoy? **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**. Ecuador: CIESPAL, 2015.

MARZIALE, Maria Helena Palucci; MENDES, Isabel Amélia Costa. O fator de impacto das publicações científicas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, vol.10, n.4, Ribeirão Preto: 2002. Disponível em: [http://www.SciELO.br/SciELO.php?pid=S0104-11692002000400001&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.SciELO.br/SciELO.php?pid=S0104-11692002000400001&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 11 de jul. de 2016.

MIGUEL, Sandra. Revistas y producción científica de América Latina y el Caribe: su visibilidad em SciELO, RedALyC y SCOPUS. **Revista Interamericana da Biblioteca de Medellin (Colombia)**, vol. 34, n. 2, 2011.

MUELLER, Suzana P. M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação** – n. zero, 1999.

KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. **Ciências da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 91-102, maio/ago., 2006.